



RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Propriedade da A. A. E.
(Secção Cultural)

N.º 3
AVULSO 2008

Redacção e Administração:
RUA DEZASSEIS - ESPINHO

Composto e Impresso na TIP. PROGRESSO - ESPINHO

Director Interino: ANTÓNIO GAIO

ANO III - (31 DE OUTUBRO DE 1950)

EDITORIAL

O Nosso Rumo

...De novo o «RUMO»!

De novo a expressão sincera, a vontade, a alegria, o entusiasmo da mocidade.

De novo e o mesmo, igual nos propósitos e na atitude, na posição que firmou e defendeu através dum caminho áspero semeado de escolhos, de incompreensão e maldade. Igual porque a mudança de director não vai além de acidente simples na vida dum jornal que pertence a uma vontade colectiva, a um grupo de gente moça, de sangue novo e ardente, que quer marcar, vincar bem o seu papel na sociedade, chamar a si uma posição digna na construção dum amanhã melhor.

«RUMO» não é a arma, a defesa de interesses individuais presos a uma rede de ligações, de influências que procuram o bem-estar duma minoria. No juízo, na crítica, a despersonalização, a ausência do Eu, é uma meta a vencer, uma posição a conquistar para a boa defesa da finalidade que pretendemos atingir. É a nossa finalidade é a intervenção directa e útil na educação e correcção da sociedade e no engrandecimento de Espinho.

Na educação, como porta-voz, modo de expressão, duma juventude inquieta que vai firmando os pés em terra firme, aperfeiçoando-se, discutindo além do desporto os problemas locais, comentando aspectos da actividade do Homem, colhendo lições da Vida. Lentamente, a evolução de rapazes para homens será feita adentro duma atmosfera vibrante, prenhe de vitalidade, de energia, tão diferente daquela que abafa as gerações feitas à mesa do café, à sombra do vício, gerações de indolentes que entram na Vida já derrotados, descrentes da humanidade, do Mundo. Na educação não é tão mesquinho o nosso propósito, como à primeira vista poderá parecer, nem, tampouco, caímos na estultícia ou no delírio de sonhador, diante a grandeza das dificuldades que nos rodeiam.

Quanto à correcção dos usos, costumes e atitudes erradas da comunidade, fizemos sentir a necessidade de criar um estado de espírito que permita suportar a crítica, eivada de irreverência mas sempre construtiva, sem cair no ridículo das reacções do animal ferido que esbraveja descuidando a dignidade, a linha, a elegância da posição vertical consciente. Continuaremos.

Dentro do esforço para o engrandecimento da nossa terra estaremos com o melhor das nossas possibilidades, colaborando com todos e castigando, também, quando se sentir o perigo da apatia ou da incapacidade. Não hesitaremos perante os erros, indiferentes às pessoas, partidos ou fações locais. Alheios à política perniciosa de grupos, só conhecemos uma política, uma facção que defenda acima de interesses mesquinhos o prestígio, o progresso de Espinho.

Fica exposta, definida a orientação, marcado o nosso Rumo!

António Gaio

MARÉS VIVAS

Transmissão de Poderes

Foi chegada a hora em que a inexorável lei da vida impôs a rendição de alguns elementos do «Rumo» entre os quais o seu Director-fundador.

Este facto, em nada irá prejudicar ou diminuir o valor relativo da publicação. Pode mesmo esperar-se melhoria na utilidade e expansão do jornal, que foi criado por força de ideais clu-bistas e bairristas.

Colocado o fundador no escaparate das inutilidades, vai o seu antigo «braço direito» assumir responsabilidades que lhe assentam bem, pelo carinho e sacerdotício com que soube e saberá rodear o seu trabalho. Fica assim devidamente assegurada a continuidade do «Rumo», com justificada confiança dos leitores no prosseguimento do seu lema de «Por Espinho e sua Associação Académica».

E antes que a poeira do tempo cubra de esquecimento natural e justo, o já de si apagado fundador de «Rumo», cabe aqui a indispensável confirmação de que o espírito da publicação não foi o espelho das infimas qualidades do seu ex-dirigente, mas sim vivo reflexo do sentir heterogéneo, mas fundamentalmente unido, desta pleiade de rapazes que intensamente comunga nos an-

seios do clube e da sua terra natal.

A irreverência, própria de moços, a independência e a «bulhosa alegria» dos colaboradores do «Rumo», continuará a animar o «dolce far niente» desta linda terra, ofertando-lhe na sua mais pura expressão, a luta desinteressada pela obtenção dos justos benefícios que todos aguardamos.

Conjugando, pois, o límpido com o mordaz, o construtivo com o satírico, o consciente com o arrojado, teremos uma clara demonstração da honestidade dos seus processos de crítica, aos acontecimentos da Associação Académica e da vida local, razão suficiente para justificar porque o «Rumo» fez, e fará, carreira.

Os que saíram, mordidos embora pelo agri-doce da saudade, deixam os postos bem ocupados, facto que lhes dá socoço no tocante à garantia de vida de uma obra, rodeada de acrisolado carinho e isenção.

Apagada a candeia que iluminou, em luz tremulante e baça, os primeiros passos do «Rumo», novas luzes, mais brilhantes, continuarão acesas na defesa dos pergaminhos da Associação Académica e na luta pelos interesses gerais de Espinho.

Higino Pires

OS MEUS AMIGOS

Foi em Fevereiro de 1938. Estava frio e húmido. Era uma destas tardes cinzentas e pegajosas que fazem da vida um funeral solene, com gatos-pingados e tudo.

Não tinha com quem falar e fui buscá-lo a um canto escondido da estante.

Ele lá estava, muito composto e reservado. Quase virgem.

E, então, disse-me. Disse-me da vida e da morte, contou-me a história da Luíza, do Sr. Milhões, do Pobre de Pedir; falou-me da Stela, da D. Rosa, da Sílvia e do ladrão.

Era a vida a fluir, a exprimir-se em tragédia, ridículo e remorso. Era dum lado a árvore e do outro a morte; a tortura de odiar a Dor e amar a Dor; o desespero de Crêr e não poder Crêr.

Era o nojo pela Hipocrisia e pelo Convencional.

Era um amor total pelo Homem e pela Pedra.

Falou-me então da Beleza, duma beleza sem conceitos nem escolas.

A própria beleza era ela mesma, não carecendo de explicações nem de metafísicas.

E segredou-me que a beleza era a Vida e, também, a Morte: a Dor e a Fome mas, também, o Dourado e o Deslumbramento.

Em confidência, muito intimamente, dissertou sobre a Dúvida e Deus, acerca da Morte e da figura monstruosa do Coveiro. Tinha medo e gritava. Mas Ela lá estava hirta e grave, medonha, à espera.

Continua na pág. 7

Sumário

EDITORIAL - O Nosso Rumo.

PROBLEMAS DE ASSISTÊNCIA - Uma Entrevista.

MARÉS VIVAS - Transmissão de Poderes.

CRÍTICA E CARICATURAS - Voz dos Terríveis;

Galeria de Figuras; Mólha Vareiro.

CINEMA - Frei Luiz de Sousa.

LITERATURA - Os Meus Amigos; Palavras que o

Vento Leva; Sobre a Razão de Ser da Obra-Prima.

BOM HUMOR - Um bom Conferencista.

TU E A SAÚDE - Porque não existe um Centro de

Medicina Desportiva em Aveiro?

ALEM-MAR - Angola, a Desejada.

DESPORTO - Oquei em Palins; Oquei em Campo;

Futebol; Voleibol, etc.

SOBRE A RAZÃO DE SER da obra-prima

Continuado da pág. 8

preensão dos homens se desdobra em verdades eternas e que resiste inviolável ao tempo, porque como ele é sempre actual. E daqui advem, pelas mesmas razões apontadas, a infeliz realidade dos livros de Júlio Diniz afrouxarem progressivamente de interesse, tornando-se assim menos lidos e o seu autor menos discutido, pois de geração para geração se desactualizam, porque a arte por mais belas formas que tenha é na sua expressão individual mudável e falível como a moda.

Oposto ao caso de Júlio Diniz, observa-se por vezes o fenómeno literário de surgir na orbe das letras, uma obra de demarcações estéticas assaz restritas e que a crítica num juízo leviano, por lhe faltar o desenrolamento do tempo «o grande crítico» como dizia Junqueiro, não soube ver o seu interior profundo e recheado de novidade, augura-lhe uma existência curta. E, para grande surpresa dessa crítica imponderada dá-se como que paradoxo de, quanto mais os anos se avolumam sobre essa obra, tanto mais intenso é o brilho que ela irradia.

Num resumo geral à substância citada neste artigo, salientamos que não é nossa intenção firmar que toda a obra que seja idealista deve ser considerada obra-prima. Não, isso seria até deturpar o critério que transparece das nossas palavras. Certo é, que para uma obra ser bafejada com o honroso título de obra-prima, tem que albergar em si um ideal independente da sua própria substância, portanto que sobreleve o que é humano; mas que por sua vez esse ideal ao contacto com a razão comum do Homem tem que revelar e transformar-se na compreensão do que é elevadamente humano. Também frisamos que não pretendemos dizer com o exposto, que o empreendimento da criação duma obra-prima seja realizável desde que se conheça a fisiologia da sua índole e que se proceda de acordo com as suas bases teóricas; tal juízo seria aberrativo, mesmo não há memória dum Dante proclamar antecipadamente que ia legar à posteridade uma obra que ficaria eterna, antes de a ter criado. E' que o trabalho que produz a obra-prima é puramente intuitivo; pois só à intuição é outorgado o direito de violar o incognoscível.

Alvaro Baptista

BOM HUMOR

ERSATZ diz...

Como se pode ser um bom Conferencista

Eu tenho um medo horrível a conferências. Aliás não sou só eu. Como eu, há milhões e milhões de seres pensantes, aos quais falta unicamente o desassombro e a coragem de o confessar. Eu acho intoleráveis os conferencistas hoje em dia, e suponho até que teriam um rendimento 100% mais útil, se, depois de devidamente embalados e estampilhados fossem, distribuídos pelas farmácias mais frequentadas como preventivo contra as insónias. Não quero, evidentemente, dizer com isto, que o mal seja geral, pois ainda hoje, se consegue encontrar auditórios, susceptíveis de suportar toda uma conferência sem se abalçarem até Morfeu. Ainda recentemente tive ocasião de o verificar na Reunião Anual dos E. E. S. M. (empregados de escritório surdos-mudos).

Para mim, o conferencista ideal poderia ser definido como «aquele que consegue falar mas que não consegue ser ouvido».

Ora, este limite, que na prática é realmente impossível de conseguir poderia, pelo menos, ser mais ou menos atingível, desde que se observasse um certo número de preceitos que tornariam a conferência menos insuportável, ou, por outras palavras, mais suportável.

O conferencista geralmente começa por claudicar no título da oração. Mais de 50% de conferências fracassadas tiveram a sua origem em títulos como este: «A influência das variações da pressão na transmissão hereditária dos caracteres». Qual seria o auditório que, por muito boa vontade que tivesse, seria capaz de enfrentar o labirinto verbal que se adivinha escondido atrás daquelas incertas palavras daquele não menos incerto título?

Geralmente o conferencista é um sujeito baixo, careca, barrigudo, de voz arrastada, e que usa óculos com aros de tartaruga. Ao subir ao estrado — e aqui o público começa a impacientar-se — fá-lo cheio de dignidade, todo empertigado, fazendo lembrar um capitão da guarda dos hussares quando vai ser condecorado pelo Rei. Se neste momento alguma coisa o incomoda, trata-se unicamente do ranger do sapato esquerdo (defeito de se usarem sapatos novos nesta ocasião) que para ele (conferencista) assume o aspecto dum ruído sinistro, cavo, soturno, presagiador de qualquer coisa de mau.

Seja em que circunstância fôr, o conferencista já jamais abdicará do direito de puxar dum lenço — admira-me a facilidade com que encontram o lenço na primeira algibeira em que procuram — desdobrá-lo lentamente (neste momento o público horrorizado já presente o começo do drama) passá-lo pela testa, após o que se dedicará à inevitável tarefa de o passar pelas lentes embaciadas.

Posteriormente, o conferencista relanceia o olhar pela selecta assistência, e supõe ver todas as atenções concentradas em si. Inclina ligeiramente a cabeça, semi-cerra os olhos, toma um ar meditativo (o público já está neste momento preparado para tudo) apoia-se gravemente sobre as palmas das mãos, e, distanciando os braços cerca de 15°, começa inexoravelmente sempre da mesma maneira:

«Minhas senhoras e meus senhores» — pausa de 15 segundos que é devidamente aproveitada pelos digníssimos assistentes para as primeiras deserções.

«Antes de entrarmos propriamente no assunto da conferência em questão, quero dar-lhes à guisa de prólogo, umas noções fundamentais que... (e ao dizer isto o orador exhibe ingenuamente um maço de papéis aparentemente surgidos do ar, como que por artes mágicas e que à primeira vista se poderão confundir com as páginas duma lista telefónica mas que na realidade e infelizmente contém, em resumo, os tópicos do assunto a versar.

E' este o ponto culminante temido pelo público. A deserção agora é em massa e o ar de comprometidos com que os dignos assistentes se revestem ao sair, olhos fitos no chão sem um desvio milimétrico sequer, mãos nos bolsos, e dorso ligeiramente curvado, faz-me lembrar certas «marchas vitoriosas».

Como geralmente também faço parte dessa triste retirada, vejo-me impossibilitado de elucidar o leitor amigo sobre as seguintes «etapas» duma conferência. Todavia, e dum modo geral, sempre lhe direi que, na sequência, se o orador se encontra em França, falará sobre «As greves na indústria mineira», na Inglaterra sobre «A desvalorização da libra», em Portugal sobre «O perigo que vem do leste», na Alemanha falará sobre o tema «Para onde vamos nós?», na Rússia sobre «O Paraíso Siberiano» e na América sobre «A injustiça da não eleição de Miss Califórnia para o título de Miss América». No Brasil falarão ainda sobre o «Campeonato do Mundo» e na Espanha sobre a «Interpretação do Plano Marshall».

O orador pode começar em voz grave e pausada, meditando no que diz, alisando o cabelo a uma sacudidela mais rápida, e acabando a vociferar, gesticulando, e esparrameando perdigotos

DO DIA A DIA..

Novos Magistrados do Concelho

Perante numerosas individualidades de destaque e representantes de todas as forças vivas da nossa terra, entre os quais alguns directores da Ass. Académica, foi empossado pelo Ex.^{mo} Governador Civil, que se deslocou a Espinho propositadamente, o Senhor António Frederico Alcoforado no cargo de Presidente da Câmara Municipal de Espinho.

Para o cargo de Vice-Presidente foi nomeado o sr. Dr. Joaquim Cadinha.

Ambos os magistrados foram muito saudados pela população que assim demonstrou o seu regosijo.

Cabe também ao «RUMO» saudar S. Ex.^{as} em nome dos novos da Académica.

FAUSTO NEVES

Espinho quer homenagear o trabalhador incansável destas andanças da música ligada à beneficência e ao recreio e educação do nosso povo.

O maestro, o cantor entusiasta desta terra vareira, o criador daquele folclore musical que tão bem fala do nosso mar, vai ter a sua festa.

A ideia de Joaquim Moreira da Costa Jr. impunha-se desde há muito mas agora que temos a possibilidade, a alegria de contarmos com essa bela realidade que é o Orfeão de Espinho, fruto dum espírito sempre jovem e duma vontade incansável, temos o dever de agradecer a Fausto Neves tanto carinho, tanto amor a esta terra.

Esperemos da colaboração de todos, pois a homenagem é de Espinho e não deste ou daquele, um esforço único e forte que saiba ser digno de propósito tão justo.

(milhões deles) a cada palavra. Este é o tipo menos vulgar, pois pode começar também com voz grave e pausada e não chegar mesmo a acabar, devido ao facto de nesse momento já toda a sala ressonar polifonicamente (tipo mais vulgar). Se a conferência acabar com um mínimo de dois auditores acordados, ou pelo menos vivos, então a conferência foi mesmo boa.

Outro elemento indispensável numa conferência é o característico copo de água, a não ser que a mesma se efectue na sede do Grupo Recreativo e Cultural dos Bebedores Inveterados. Ai, também, em vez de água usam aguardente.

Um erro muito comum em conferencistas menos precavidos é o não saberem evitar o indefectível círculo vicioso. Deixam assim que a conferência, inconscientemente, se transforme em cir... conferência.

E, finalmente, outro assunto a ter na devida conta é a concordância dos actos com as palavras afim de se poder evitar incidentes lamentavelmente aborrecidos, como o daquele sujeito que falou durante 4 horas sobre o tema:

«O silêncio é de ouro».



ENTRADA EM CAMPO

Cá e lá, más fadas há...

Não tem passado despercebida a quem se dá ao trabalho de ler as crónicas desportivas dos diários nortenhos a constante censura às atitudes pouco desportivas dos jogadores de hoquei em patins da Associação Académica de Espinho. Não há que repudiar os reparos feitos porquanto, infelizmente, é notório o errado modo de agir dos nossos patinadores, quesilentos, impertinentes e mal educados. As suas exibições perderam o aspecto correcto e delicado que lhes grangeou no Nacional de 1949 a simpatia dos adversários lisboetas.

Estamos inteiramente ao lado dos jornalistas nortenhos na censura às atitudes incorrectas dos oquistas locais mas, e sem que pretendamos com isto diminuir as culpas dos nossos jogadores, estamos em total desacordo com o exagerado parcialismo de que esses mesmos jornalistas dão provas, zurrindo, sem dó nem piedade, os espinhenses e deixando passar em claro faltas frequentes do mesmo jaez praticadas pelos patinadores que representam clubes do Porto.

Jogadas á margem das leis, toques mal intencionados, atitudes canibalescas, praticam-nas, com perfeita regularidade (prova de que fazem parte de uma tática preconcebida) os jogadores do Académico, useiros e vezeiros nessa forma de jogar. Que o diga Correia dos Santos, Velez, e muitos outros que têm tido o azar de defrontar os academistas. Estas «qualidades» dos «inocentes» do Lima são lançadas para o cesto do esquecimento, dado que não há interesse em mexer no lixo caseiro e é muito mais cómodo atacar aqueles a que não somos afectos.

Calma e justiça, senhores jornalistas.
Cá e lá, más fadas há...

OQUEI EM PATINS

A Académica no Nacional

Mais uma vez a Académica conseguiu enfileirar entre os melhores clubes do País que disputam o Nacional. Obteve, com mérito, a terceira posição na escala dos participantes do Regional do Norte, após uma brilhante 1.ª volta que não teve continuidade pela falta de Abel Santiago, atacado de doença que lhe impôs algum tempo de inactividade. A ausência do «cérebro» condutor da equipa provocou desorientação que se reflecte no rendimento global da turma.

O embate com as equipas lisboetas confirmou a noção por nós expressa na passada época de que o nosso grupo não era tão fraco quanto se poderia concluir dos resultados catastróficos de 1949. Contam-se por derrotas os encontros jogados pela Académica até ao final deste mês, mas parecem-nos que não é isso que deve interessar pois o mais importante é ter oportunidade de contactar com as melhores equipas portuguesas, contacto de que só poderão colher-se bons frutos.

Uma iniciativa interessante

Mercê do esforço louvável do dr. Virgínio Pereira, a Académica possui uma equipa de rapazes cujas idades oscilam entre os 13 e 16 anos. Dá gosto vê-los

actuar, não só pela natural habilidade de alguns elementos no manejo do stick, mas também pelo espírito de equipa que dão provas de possuírem. Os miúdos, de uma dedicação e entusiasmo extraordinários, dão inteira satisfação aos bons e pacientes cuidadores do seu orientador. Não é esta equipa, positivamente, uma equipa de campeões insuperáveis, mas em muitos aspectos dá lições a alguns dos mais velhos praticantes da modalidade, sobretudo em correcção. A Académica verá, dentro de poucos anos, os efeitos benéficos desta actividade do dr. Virgínio Pereira, feliz continuador da iniciativa de Hilário Fernando, e deverá então patentear-lhe o seu reconhecimento.

Tiro reduzido

O tiro teve já muitos praticantes em Espinho mas, por esta ou por aquela razão, entrou em inactividade absoluta.

Vem isto a propósito de a Académica manter agora na sua sede uma carreira de tiro reduzido, podendo esperar-se, pelo entusiasmo patenteado nos torneios semanais já efectuados, o renascimento desta modalidade. Estão lançados os alicerces. Falta quem dê corpo ao edifício que sobre eles se poderá erguer, fazendo regressar os espinhenses à intensa prática do tiro.

Futebol

Falta apenas uma jornada para terminar o Campeonato Regional de Aveiro que, mais uma vez, proporcionou luta encarniçada pelo manifesto equilíbrio de valor das equipas. Estão na dianteira o Sporting de Espinho, a Oliveirense e a Ovarense, já qualificados para a disputa do Nacional da II Divisão. O último domingo de jogos oferece o grande interesse de indicar o campeão, a sair do duo Oliveirense — Espinho, bem como o «lanterna vermelha» — o Beira-Mar, a Sanjoanense ou o Lamas, este último em pior situação pois tem que jogar no campo adversário. Se o grupo de Ovar vencer os Oliveirenses, o Sporting local será mais uma vez campeão regional. O que for soar.

O grupo local figura com justiça no terceto que comanda a classificação se bem que a equipa não tenha feito grandes exibições, sobretudo ao actuar no terreno alheio onde não conseguiu, até à data, conquistar uma vitória. A defesa é o sector mais certo do grupo. Na linha média continua a salientar-se, como já é de uso, Vivas, insensível, aparentemente, ao rolar dos anos. Veríssimo tem-no acompanhado em bom plano. A linha avançada denota falta de coesão, apesar do real valor da maioria dos seus integrantes. Ao contrário do que seria de esperar, Walter e Loureiro perderam as suas qualidades de rematadores. O primeiro está demasiado trapalhão, consequência provável de destreino, parecendo querer desfazer as sólidas esperanças que parecia poder fazer acalentar aos adeptos do clube local. Loureiro dá indícios de melhoria desde os últimos jogos em que se tem mostrado mais afoito do que de habitual.

Porque o quadro mantém as mesmas unidades, poderemos confiar em que o comportamento dos sportinguistas no Nacional da II Divisão será satisfatório, reeditando o bom trabalho da época anterior.

Um da torcida

Oquei em Campo

Na Académica, a secção de oquei em campo ocupa um lugar à parte, pelas suas características muito especiais que a tornam diferente de todas as outras, sujeitando-se a tudo (até a nunca jogar em sua terra) sem desânimos nem abandonos. Cara risonha, coração ao alto, são, talvez, os melhores interpretes do espírito do clube que representam.

Vamos tê-los de novo em actividade a partir do próximo mês, em que se iniciará a disputa do Campeonato Regional do Porto. É mais uma vez esse grupo de desportistas vai ter que sujeitar-se a tantas deslocações quantos os jogos a efectuar. Na impossibilidade, por razões que nos abstermos de explicar, de jogarem na sua terra, aventa-se a hipótese de vir a utilizar como seu campo o da «Textil de Arcozelo» na vizinha Praia da Aguda, levando

Voleibol

O bloco é uma tática de defesa que consiste em tentar anular um ataque adversário, opondo as mãos junto da rede à trajectória suposta da bola.

Começou a ser posto em prática entre nós desde 1947, ano da criação da Federação Internacional de Voleibol de que Portugal foi um dos fundadores.

No estrangeiro, o bloco já é utilizado há muito tempo. Assim, nos Estados Unidos, o bloco de 2 jogadores é praticado há muitos anos, aparecendo em 1933 pela primeira vez o bloco de três, realizado pela equipa de Houston que venceu naquele ano todos os grupos adversários. Dois anos mais tarde, ou seja em 1935, a Checoslováquia adopta também o bloco de três jogadores. Em França, embora já seja praticado há 13 anos, só em 1946 passou a ser utilizado por todas as equipas.

Na verdade, pode dizer-se que foi o Campeonato do Mundo, realizado em 1946 em Praga, que convenceu definitivamente os retardatários da utilidade absoluta do bloco.

NOTICIÁRIO

U. S. A. — Realizaram-se em Knoxville os Campeonatos de 1950, com os seguintes resultados:

- 1.º — Long Beach YMCA (Califórnia)
- 2.º — Hollywood (Califórnia)
- 3.º — Houston (Texas)
- 4.º — Los Angeles YMCA (Califórnia)

De notar a superioridade do volei californiano.

Na equipa vitoriosa jogaram Specht e Collis, excelentes jogadores que faziam parte da equipa americana que visitou a Europa em 1948. O grupo de Hollywood YMCA (vencedor do Campeonato de 1948) tem como treinador Harry E. Wilson, chefe da redacção da revista «International Volley-Ball Review» e que acompanhou o grupo americano na Europa.

BRASIL — A actividade do voleibol no Brasil parece ser importante, a julgar pelo número de divisões existentes no Rio, onde há nove campeonatos diferentes para nove divisões (seis masculinas e três femininas).

Os últimos campeonatos brasileiros deram-nos os seguintes resultados:

Equipas masculinas:

- 1.º — São Paulo
- 2.º — D. F. do Rio de Janeiro
- 3.º — Minas Gerais
- 4.º — Estado do Rio

Equipas femininas:

- 1.º — São Paulo
- 2.º — D. F. do Rio de Janeiro
- 3.º — Estado do Rio
- 4.º — Minas Gerais



FÁBRICA MODERNA DE CARPINTARIA E MARCENARIA

DE

José Augusto da S. Quintas

TELEFONE 59 • ESPINHO

em linha de conta a expectativa de que os sócios daquela firma recebam de boa vontade o pedido que lhe vai ser feito pela Direcção da Académica. Para que se possa encarar com confiança a futura actuação da equipa, torna-se necessário o regresso de alguns praticantes agora recolhidos no comodismo fácil da afirmativa: «estamos velhos». À sua experiência, o seu «calo», os exemplos das suas atitudes ajudarão os «novos» na aprendizagem do oquei em campo, ajuda que muito útil será, agora que se anuncia a separação em duas divisões dos clubes filiados no organismo regional.



FREI LUIZ DE SOUSA

As dificuldades inerentes à adaptação duma peça teatral de certas características devem ser sempre levadas em consideração antes de se formular um juízo sensato acerca de qualquer película, para que não se tirem conclusões menos justas e às vezes erróneas. Por estas e por outras razões, não se devem apreciar todos os filmes debaixo de um critério rígido e, se se tratar de um filme português em que vejamos honestidade e não especulação, devemos ser compreensivos e até tolerantes no juízo final, nunca fazendo observações menos leais, digamos assim, para quem procurou oferecer-nos uma obra séria.

Isto vem a propósito do filho legítimo do Cinema Nacional, «Frei Luiz de Sousa», realizado por António Lopes Ribeiro.

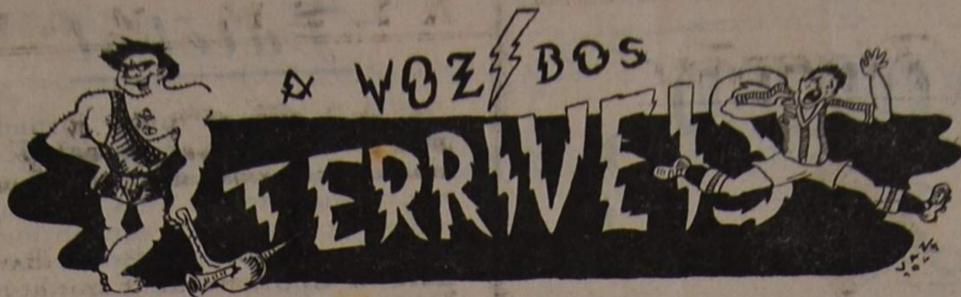
O filme tem virtudes e defeitos. E, se é certo que aqueles não batem estes por «Knock-out», a vitória por pontos é nítida. Qual o maior defeito?

A resposta é dada em uníssono: ser teatro filmado. E teatro filmado é quase sempre sinónimo de mau cinema. Convém contudo reparar que esta designação não foi criada agora, já vem de muito longe, classificando produções estrangeiras e até de certo vulto. E' o caso de «Um Marido Ideal», do «Leque de Lady Windermere», para citar duas peças de Wilde, residindo o interesse que os filmes despertam no seu admirável diálogo.

A maior virtude é a magistral interpretação de quase todos os artistas. O quarteto principal é simplesmente admirável. Raul de Carvalho, Maria Sampaio, João Villaret e esse extraordinário achado que é a pequena Maria Dulce, elevam as cenas a tal nível artístico, que por vezes nos conseguem fazer esquecer a irritante imobilidade em que fatalmente tinham de cair. Este é, quanto a nós, o maior elogio ao filme, acrescido a que a obra-prima de Garret não foi adulterada, mas, pelo contrário, honesta e fielmente tratada.

A nota negativa vai para Barreto Poeira, cujo romeiro reputamos de muito infeliz. Prejudicado por péssima caracterização e defeituosa dicção, não consegue sair da mediocridade; aliás a sua escolha não era talvez aconselhável porque não tem positivamente categoria para enfileirar com os outros. Tênicamente o filme é muito razoável, sendo a fotografia e o som quase perfeito.

E a contrabalançar certas cenas de lentidão exagerada talvez atenuáveis com um pouco de mais estudo, o filme tem outras — como o encontro do Bergantim no rio Tejo, a inicial de Alcácer-Kibir,



Larga Visão...

Soubemos a quando da discussão do Plano de Urbanização de Espinho das tendências e razões de certo sector das autoridades locais. E, ao tomarmos conhecimento de certas afirmações, passamos, quase caímos de espanto. Não era possível que, no nosso tempo, nesta terra tão arejada, limpa pelo vento quase constante do norte; nesta terra que se gaba de possuir tantas «sumidades», pudesse existir tanta poeira, enfeite de encrimes teias de aranha, caprichoso recheio de cabecinhas que se dizem responsáveis. Mas a verdade afugentou o espanto que nos dominara, chamou a realidade e com esta a indignação. Não podíamos deixar passar em branco tão «grossa avaria».

Quando se discutiu o Plano de Urbanização focaram-se dois assuntos de interesse primário para o desenvolvimento local — a mudança da linha férrea e o arranjo da beira-mar — falou-se muito e exaltaram-se os ânimos antes de se chegar a uma conclusão. E, além de muitas razões afirmaram esta:

«Não vale a pena porque não é nos nossos dias que vemos tal obra realizada».

Mais ou menos estas palavras que tão bem podem definir uma atitude, uma mentalidade esquecida de que o desenvolvimento, o progresso, depende do trabalho de muitas vontades, do esforço de sucessivas gerações.

Frase simples... não vale a pena... não é nos nossos dias...; frase que poderia marcar nova era na arte de governar os destinos das terras e das suas gentes; uma nova era em que a vontade individual, soberana absoluta, se ergueria acima do Futuro, acima do interesse colectivo; uma vontade a que só interessaria tudo o que pudesse ser realizado durante a sua existência, tudo que desse lucro imediato, benefício visível e palpável.

Frase digna do comerciante que tem na cabeça uma caixa registadora e no peito um cifrão cintilante, género anúncio luminoso, a pedir, a exigir cada vez mais!

Frase sintomática do asno que nunca pensou no que seria o mundo se todos agissem em função do tempo de vida!

E estamos nós sujeitos às decisões votadas por esta meia dúzia de adeptos do «governo a prazo», estes senhores de larga visão!

as sequências do choque provocado pela inesperada aparição do quadro de D. João de Portugal, a cena final na capela, e a preparação da cena que culmina com o incêndio — que classificam de muito aceitável o trabalho de António Lopes Ribeiro.

A «Panelinha»...

Os homens reúnem-se consoante as características do meio «habitat» conforme a afinidade de gostos, preferências e ideias. E' nesta união dependente de diversos factores que se encontra o motivo, a justificação, da divisão em vários grupos que, obedecendo a um parecer afim, agem de modo diverso.

Assim se explica a existência em cada café, local de reunião e distração, de um grupo dominante, de feição tão característica que chega para definir a frequência do estabelecimento. Desta maneira, contamos com o café dos velhos, dos comerciantes, dos desportistas, etc...

Há, no entanto, dois pormenores a ligarem todos os Cafés, quase todo o sector de actividade desta terra que se entregou inteiramente à vida do dominó, da tricot, da voltinha e... da má lingua.

Quero referir-me à política — questões locais — que impera, até à saturação em todos os cafés e a uma das suas consequências: a «panelinha».

A «panelinha», uma sub-divisão do grupo, o conjunto de cinco ou seis pessoas que falam baixo, murmuram, segredam, conspiram, riem à sucapa, criticam, flagelam, fazem e desfazem reputações, enterram os vivos e..., ainda mais, os mortos!

Aparentemente inofensivas as «panelinhas» chegam a ter grande importância, demasiada influência e são na maioria perigosas.

E são perigosas porque quase sempre, põem acima de tudo os interesses dos indivíduos que as formam. Eles são os melhores e não admitem a existência de quem seja ou faça melhor. Podem a incapacidade, a fraqueza, o fracasso e a derrota estarem à vista que não desanimam, não desistem. Insistem sempre, esquecendo ou tentando esquecer os prejuízos, o mal que poderão fazer a uma causa. O que conta é a defesa do amigo a todo o custo, através de todas as razões.

Estrebucham e mascaram atitudes, criam entraves à acção dos outros, procuram arranjar adeptos, enfim, um rosário de tristezas.

Só nos admiramos é como acreditam que as suas manobras não são conhecidas e podem passar despercebidas.

Vamos, senhores das «panelinhas», vamos retirar das inocentes «conspirações», tudo aquilo que esteja acima do indivíduo, tudo o que seja de interesse comum, tudo o que implique com o enobrecimento duma causa ou a valorização duma terra!

Mólho Vareiro

O ambiente desportivo de Espinho é, infelizmente, mau. Evidentemente que o das outras terras portuguesas é igual. Mas isso não nos interessa. Temos que apreciar o nosso caso.

Tênicamente, quer seja no futebol, no oquei em patins ou em outro qualquer desporto que por cá se pratique (faça-se uma honrosa excepção ao volei, onde, na verdade, Espinho atingiu uma craveira elevada) estamos abaixo da «média».

Pela falta de habilidosos praticantes? — Não! — Pela falta de praticantes desportivamente bem formados, pela ausência de ginástica e, sobretudo, porque não temos treinadores nem orientadores competentes. Porque, a boa vontade de alguns bem intencionados (uma chamada especial a Alexandre Reis — ao seu esforço e à sua dedicação) não supre as necessidades de bons conhecimentos, de boa orientação, de critério justo e de inapelável justiça.

Para não falarmos no espírito intolerante das assistências aos jogos. Nesse aspecto, vamos de mal a pior. Nem respeito, nem disciplina, nem educação, nem nada!

Tenhamos porém a virtude de reconhecer esses defeitos. E não sejamos como certo jornalista desportivo portuense, petulante e maldoso, que disse serem canibais os assistentes em Espinho aos jogos de oquei em patins!

Saberá o sujeito o que é um canibal? E não se lembrará o pobre dos muitos telhados de vidro que há pela sua nobre terra?

Lá, sim! Os assistentes beijam os nossos jogadores, trazem-nos ao colo e são duma educação e correcção acima de toda a crítica!

E já agora, a propósito de educação desportiva, observemos um caso que já vai sendo vulgar na secção do club que o pratica.

Porque o árbitro espinhense, Orlando Sá Couto, que toda a gente reconhece como sendo o mais competente e honesto em actividade, não agradou aos academistas do Lima pelas expulsões temporárias que se viu obrigado a fazer em virtude do jogo feio, súcio, de alguns elementos do Académico, no último jogo que este club efectuou com o Infante de Sagres, vá de tomar uma atitude certamente inspirada por Manuel Correia de Brito que pontifica nalguns jornais e na Rádio, não aceitar a nomeação do referido Sr. Orlando de Sá Couto para os jogos a realizar em Lisboa, durante o campeonato nacional de oquei em patins, em que o Académico tomasse parte!

Lê-se e custa a acreditar. Mas é assim mesmo. Vejamos o que fará a Associação de Patinagem do Norte. Mas não será preciso esperar para sabermos o que vai acontecer!

Que atitude deverá tomar a

Continua na pág. 5

Galeria de Figurões



Olhem p'ra m'ele!... Que luxo!...
 Que ódre de bons sentimentos!...
 — Parece que este gorducho
 Abriga dentro do bucho
 Dez arrobas de alimentos!...

Nas coisas em que se mete
 Apanha cada « chumbada »...
 — E a cada passo repete
 « Desastres de camionete »...
 Pois p'ra ele « é sempre estrada »!...

Ena, pá! Que grande traço,
 E que grande amigalhaço!...

Zé Pacoto

Tu e a Saúde

Porque não existe um Centro de Medicina Desportiva em Aveiro?

Os problemas que põe o binário Desporto — Medicina, sob o duplo aspecto de contróle e orientação do atleta, encontra barreiras, sistematicamente, na incompreensão dos dirigentes desportivos, na incúria dos serviços burocráticos, na crença, generalizada, da inutilidade da fiscalização e opinião do clínico, no desinteresse deste, muitas vezes determinado pela falta de meios técnicos adequados.

Sabemos, por experiência própria, que a maior parte, diríamos mesmo a totalidade dos rapazes do Futebol, do Hóquei patinado ou em Campo, do Voley, procuram, voluntariamente, o conselho do escultor, o que é já garantia duma evolução do conhecimento das relações íntimas, da colaboração constante que deve existir entre o Desporto e a Saúde.

Parece-nos que os jovens desportistas se vão libertando — o que seria muito de desejar — da ideia de competição, como muitos a entendem, e se vão habituando ao conceito de que não pode haver Desporto como competição sem o alicerce duma Saúde e Forças, orientada cientificamente, através dum Desporto planificado, racional. Não dum Desporto feito de Jogos de secretarias, associações, federações e... transferências.

activamente (atletas, treinadores, árbitros, orientadores) quer passivamente (os indivíduos mais dotados e inteligentes que fazem parte do que, indiferentemente, podemos chamar falanges de apoio, doentes, tifosos, etc.).

Perguntar-se-á qual o objectivo destas considerações, qual o fim que temos em mente ao apresentá-las ao leitor, especialmente àquele que se interessa ou está intimamente relacionado com tais questões. E' simples, e quase inconcebível como realização que se possa levar a cabo; é isto: — porque não existe um Centro de Medicina Desportiva em Aveiro!

Razões de ordem tecnica? Ou táctica? Económicas? Ou raciais? Porquê?

Só haverá Desporto em Lisboa, no Porto ou em Coimbra? Ou só os Desportistas destes Distritos merecem a atenção e os cuidados médicos que exige a boa saúde destes rapazes que vão para o campo de jogos, sejam eles no Estádio Nacional, no Rink da Académica ou no Campo do «Lamas»? Gostaria de o saber.

E, se o quiseres, leitor, cá estamos para escutar e estudar a tua opinião.

R. I. P.

A LÉM - M A R

ANGOLA, a Desejada

Vão-se conhecendo melhor, através da propaganda que se esboça nos jornais, na Rádio e no Cinema, as possibilidades fecundas desse território riquíssimo que vai desde o Enclave de Cabinda até à Baía dos Tigres e circundado pelo Congo, pela Rodésia e pela União Sul-Africana.

Até há poucos anos, Angola era uma palavra inexpressiva para os metropolitanos. Sabia-se que os degredados para ali eram enviados e lamentava-se a sorte vil dos mesmos. Iam para a fornalha e não viriam mais!

Efectivamente, pouquíssimos voltaram. Mas os outros, os que não vieram, não morriam por lá, vitimados pelo calor e pelas doenças cujos nomes andaram de boca em boca. Ao contrário, cumprida a pena que as diversas amnistias iam a pouco e pouco reduzindo, ei-los agarrados com amor à terra magnífica, na luta pelo progresso material e pelo esquecimento dum passado que já não lhes interessava, nem a ninguém!

Aos poucos, no aproveitamento dos recursos que as costas marítimas ofereciam, ou no desbravar intemerato dos sertões bravios e misteriosos, o ex-condenado lutava teimosamente e briosamente, constituía família, fixava-se aqui e além, alicerçava uma cidade, engrandecia-se e engrandecia a terra que tinha servido para a expiação das suas faltas!

E — dávida compensadora de Deus! — essa terra que tanto terror lhe metera antes de a conhecer, era a mesma que lhe concedia fartos benefícios e que o acolhia em seu carinhoso seio!

Uma noite, passava em Conda o autor testas linhas, com alguns amigos, na viagem de re-

gresso de Nova Lisboa a Sá da Bandeira! Tínhamos parado, para meter gasolina. E enquanto eu contemplava, extasiado, aquele céu brilhantíssimo onde avultava, lá numa ponta da Via Lactea, o afamado Cruzeiro do Sul, chegou-se junto de mim um velho, bem posto, que me disse assim: — «O senhor está maravilhado com estas estrelas, com esta noite tão bela, não é verdade?»

Depois de ter respondido afirmativamente ao simpático velho e de inquirir porque nunca mais voltara à Metrópole, obtive esta resposta elucidativa: — Voltar à Metrópole... lembrar o Passado? O meu passado morreu há muito. Não tenho passado. E como quer o senhor que com noites destas a gente saia daqui?»

Oh! Sim! E' um encantamento! E' um sonho! E é graças a uma política inteligente e compreensiva que Angola está a despertar dum longo e perigosíssimo marasmo!

Ideias novas estão em marcha, apadrinhadas com todo o interesse pelo Governo da Nação Angoliana, dum momento para outro, é agitada, sacudida, por uma onda alterosa de progresso! E' como que o despertar duma hibernia de séculos obscuros, de lentos movimentos! E a onda cresce, avoluma-se, investe dominadora!

Mas não sejamos ingratos, nem esquecidos! Fixemos dentro dos nossos corações os nomes daqueles heróis — e tantos foram — que, sem recursos, sem ajudas, sem escoras que não fossem a Fé e o Amor, regaram com o seu generoso sangue a terra escaldante e sacrificadamente souberam «continuar Portugal!»

A. O.

Môlho Vareiro

Continuado da pág. 4

Associação Académica de Espinho, agremiação que o Sr. Orlando de Sá Couto representa?

Uma só, e radical. Não aceitar (cremos que tem os mesmos direitos) nenhum árbitro do Porto para os jogos que efectuem em Lisboa, a não ser o Sr. Laurentino Soares, que é, na verdade, honesto e competente, mas que não tem arbitrado porque os senhores do Académico também se impuseram!...

Não há dúvida! Grandes e integérrimos desportistas! Pois não vai decorrido muito tempo desde aquela noite em que o Sr. Armando Veloso, árbitro e ao que parece orientador dos academistas patinadores, roubou à Académica de Espinho, a Taça de Honra de 1950, com uma arbitragem vergonhosa e propositadamente incompetente! E trata-se de um árbitro internacional, cuja moralidade todos conhecem bem!

E todavia a Académica de Espinho não fez beicinho, não reclamou. Para quê, afinal? Súcia!

Côca da Mala



RELOGIOS
MAYO
 PRECISÃO ABSOLUTA

LEIA + ASSINE + PROPAGUE

R U M O

Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES * INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 * ESPINHO * Apartado 8

Colégio de N.ª S.ª da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 3013 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS * GABARDINES * CAMISARIA * CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 * ESPINHO * Telf. 341 (Cham.)

FATOS PRONTOS A VESTIR * FACILIDADES DE PAGAMENTO

CAFÉ LUGIL

Os desportistas apreciam
UM BOM CAFÉ no...

Completamente remodelado e
ampliado com novas instalações

CAFÉ GIL

AVENIDA OITO * ESPINHO * RUA 19-TEL. 306

CEREAIS * MERCEARIAS * AZEITES * EXPORTADORES

Cadinho & Couto

ARMAZENISTAS

RUA DEZOITO * ESPINHO * TELEFONE 52

A QUALQUER HORA BEBA CARVALHELHOS

AGENTE EM ESPINHO *A. Ribeiro*

ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA

DUARTE & C.ª

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)

Largo dos Aviadores, 104

Telefone 3771-GAIA

445, R. Bandeira Coelho, 451

Telefone 16

ESPINHO



CASA SOUSA

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE * TELF. 99 * ESPINHO

F E R R O E A Ç O

A. Trindade, Sue.

Depositário da

LUSALITE

CAIXA POSTAL 4 * ESPINHO * TELEFONE 39

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JÚNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO
DE AUTOMÓVEIS

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO
DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUAS 37 e 22-ESPINHO-TELEFONE 338



FARINHAS * CEREAIS * MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 * TELEFONE 21 * ESPINHO

ELECTRICIDADE * MÁQUINAS

A. VIZEU & C.ª, L.ª DA

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇA E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMÍNIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO

U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A

FÁBRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA

PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES NOVAS

SOLCRIS

...É UM ESTORE

PALAVRAS QUE O VENTO LEVA...

A apologia da Luz

E' madrugada. Não durmo. Não posso, não quero dormir. Que frio! Nas asas negras duma insónia, revolvo-me no leito, soergo-me, por vezes, na ânsia feroz de libertar o espírito obcecado pelos monstros da imaginação e levanto os olhos aos espaços infinitos. Tudo negro! E' a noite! A atracção do abismo! Aquelas sombras! A mente que paira em regiões longínquas, enlouquecida, amedrontada, a produzir só fantasmas!

E' o delírio! E' aterrorizado, desejo, peço, suplico: Luz! Vidal Mas a escuridão é completa. Não consigo ultrapassar o limiar da Amplidão, do abismo onde não chegam os turbilhões humanos. O Espírito recua, dominado pela vastidão da abóbada que não consegue tocar!

E uma sensação estranha e terrível me invade. E' o medo...

Tremendo e rouquejando, suplico, ordeno: Luz! Luz! Vidal!

Em vão! Nada consigo! Uma mão invisível de força desconhecida comprime-me a garganta, abafa os gritos de pavor!...

E aquelas gargalhadas, em concertos horrendos, que são gritos de fantasmas infernais?! Mas não! Não é nada!

Eu deliro! E' o vento que assobia, que revolteja, que se endoidece no diabólico bailado com as sombras; é a chuva que cai em catadupas, que inunda, que destrói, que lava; é, enfim,

a tempestade que tomba, inclemente, furiosa, em sopros gélidos, de pavor, em torrentes de fogo e água!

Mas não! Não creio! São gargalhadas, são gritos, são sombras que dançam no palco das nuvens a sinfonia fantástica dos Tempos!

E tremo... O delírio! A noite! A escuridão, a realidade das fantasias que imagino, o negro abismo, o Nada!

O medo, o suor frio a deslizar-me pela frente, os gritos de terror que não consigo soltar!

E o Espírito liberta-se, voa e gira em turbilhão... Deixa o nada amedrontado que sou, evola-se e esvoaça, perdido qual insecto diurno em caverna de monstros noctívagos!

E ziguezagueia, e perde-se, e maravilha-se ante a amplidão do Infinito!

Que paradoxo! O Espírito é grande, é gigantesco, é tudo, e nós, que o possuímos, somos nada!

A noite é grande, é o abismo dos abismos e é, no entanto, a ausência de tudo...

E o Espírito, aterrorizado, clama: Luz! Luz! Vida!

Deseja o fogo que queima, que destrói, que purifica; deseja a luz que o alumia, que o conduz do sonho à realidade!

Nada! Só a noite, a pairar, negra, feroz, eterna...

Emílio Machado

Os meus amigos Uma entrevista

Continuado da pág. 1

Continuado da pág. 8

Detestava-a e desejava-a.

E, por algum tempo, emudeceu. Os olhos azuis fitavam um ponto distante, muito distante.

Fala-me, depois, da Mouca e do Gebo. E, de novo, a Dor e sempre a Dor.

E' a Miséria, o prostíbulo e a Aldeia, onde à noite as velhas, secas por fora e por dentro, jogam a Bisca de Três, onde o agiota espreita por detrás do balcão e o cangalheiro espera, ferozmente, ouvir o toque de finados.

E' uma cavalgada que enlouquece e esmaga, uma corrida vertiginosa aos abismos da Consciência, posta a nú, desmacarada!

Foi assim que o conheci, desconcertante e real, Louco e Génio.

Desde então lá o vou procurar e cavaquear um pouco.

E' sempre o mesmo. Mas, de cada vez, diferente.

E' sempre a Vida e o Sonho, o Gebo e a Morte, o Doirado e a Dor.

E' sempre o Raúl Brandão!

P. M.

até me parece indispensável. Para que uma Obra possa ser ajudada, necessário é que seja conhecida e a Imprensa melhor que ninguém o poderá fazer. Este apoio e ajuda esperamos dever à Imprensa local. Agradeço ao "Rumo" ter-nos dado a oportunidade de fazer conhecida do público esta obra que se encontra ainda no princípio. Se a Imprensa quiser colaborar connosco e o público nos ajudar, esperamos fazer alguma coisa de muito útil.

Quaisquer palavras que acrescentassem seriam demais. A simplicidade das respostas dadas pelo senhor Francisco Caldeira aos nossos quesitos é suficientemente expressiva. Resta-nos, com os nossos agradecimentos à atenção prestada pelo nosso entrevistado, exprimir o desejo de que esta entrevista possa permitir ao Patronato qualquer auxílio das pessoas que nos lerem.

Sê bom assinante do
R U M O
angariando assinantes

P O E S I A

O Poeta e a Noite

Foi numa noite, serena e fria,
Que o Poeta vagueou...

Percorreu ruas e mais ruas.
Entrou nos becos e nos lupanares.
Passou da sombra à luz dos bares
Do silêncio às balbúrdias...

E sempre austero, direito,
Como se, do próprio feito,
Ele brotasse, inesgotável,
À vontade ou o preceito
Que o homem faz inviolável...

Foi nessa noite, serena e fria,
Que o Poeta vagueou...

— E que encontrou?

Um lodaçal de peçonha
A chapinar e a sorver
A moral e a vergonha...

Mas o Poeta escutava
Sofria
E continuava...

Havia luar...
E algumas das estrelas,
Como condenados
Que abertas as algemas
Fogem apressados,
Cortavam o ar...

Mas na terra havia um mar:
— A podridão viciosa...
E, em gargalhadas de avantesma
A infância orgulhosa
De si mesma...

Sereno e altivo
Ele ia andando.
Mas, de quando em quando,
Punha um quê no olhar
De queixume brando...

Ai o que os seus olhos doentes
Suportaram sem um gemido:
— Verdes botões adolescentes
Nas mãos do adulto corrompido!

Ai o que os seus ouvidos
Ouviram da maldade:
— O sussuro, os ruídos
Dum caos já doutra idade...!

Ai o que o olhar do Poeta via:
O mundo em agonia...

Ao luar...:

E' brios cantarolando,
Caindo...
Pobres às portas,
Dormindo...
Mulheres, em bando,
Seduzindo...

Nas tabernas...:

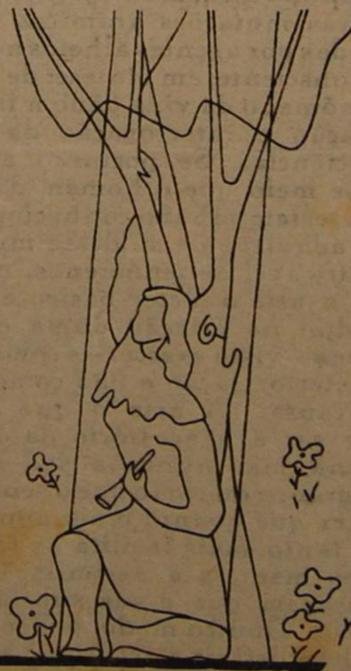
A comunhão do velho
E, céus, da gente moça
No monstro verde-vermelho
Do vinho e da batota

Dentro e fora...:

O mundo desabando,
Ruindo...

E o Poeta escutava,
Sofria
E continuava
Descobrimdo...

Mário de Castro Correia



A mais nova das instituições de assistência de Espinho é o Patronato da Divina Providência que, há algum tempo, vem dando a sua cota parte no auxílio do combate à miséria. Porque esta instituição tem passado quase desapercibida à grande maioria dos espinhenses, decidimos inquirir das suas actividades, chamando para ela a atenção dos nossos conterrâneos. Para tal solicitamos do seu director, o senhor Francisco Caldeira, a concessão de uma entrevista para o «RUMO», ao que aquele senhor, prontamente e com toda a gentileza, acedeu.

— Qual a origem do Patronato? — foi a primeira pergunta.

— A criação deste Patronato deve-se a uma senhora que tem espalhado o Bem por todo o País, procurando acudir a quem necessita de protecção e carinho. Como em outras localidades, esta bondosa senhora veio montar em Espinho o Patronato e para enfrentar as despesas que tal occasionava houve que dispender do seu bolso cerca de 40 contos, além de subsídios obtidos de entidades oficiais e de particulares. Dona Silvia Cardoso Ferreira da Silva, (esse é o nome dessa Senhora para quem vai todo o meu respeito e admiração), quando viu que o Patronato podia singrar sem o seu auxílio, pediu a nomeação de um corpo directivo para gerir as suas actividades pois iniciara outras obras que exigiam a sua presença. Bem haja esta Senhora pelo Bem que faz a todos os desgraçados que a procuram!

— Senhor Caldeira, o Patronato, é uma instituição puramente de assistência à Infância ou as suas actividades são mais latas?

— O objectivo primacial é, de facto, a protecção da Infância. No entanto há muitas formas de a prestar. O primeiro fim que

tivemos em vista foi tirar as crianças da vadiagem, fazendo-lhes perder o vício de pedir esmola. Para isso, procura-se retê-las o mais tempo possível no Patronato, prestando-se-lhes assistência moral e religiosa, ao mesmo tempo que se lhes fornecem sopas da Cantina Municipal. Com satisfação notamos que uma grande parte das crianças mostra um certo interesse pelo Patronato e até o frequentam com alegria. Evidentemente que isto irá pouco a pouco. A idade das crianças protegidas vai dos 2 aos 16 anos.

— Os fundos são de diversas proveniências. Contamos principalmente com os subsídios do Instituto de Assistência à Família, Comissão Municipal de Assistência e Junta de Província, além de donativos e da receita dos subscritores. O nosso orçamento não ultrapassa os 80 contos e por isso vemo-nos em sérias dificuldades. Os benfeitores são poucos, sendo por isso os donativos muito reduzidos. É possível que isto melhore bem como o rendimento dos subscritores. Não digo que tenha sido mal re-

administrativas, bem como da população do Concelho, tem havido compreensão e apoio?

— Das entidades administrativas temos tido todo o apoio possível e o melhor desejo de nos ajudarem. A compreensão sobre as necessidades dos menores confundeu-se com a nossa e, assim, temos trabalhado no melhor acordo. Deve-se ao fornecimento de sopas pela Cantina a possibilidade de darmos assistência alimentar às crianças, sem o que nos veríamos em sérias dificuldades para o fazer. A relativa falta de apoio da população do Concelho deve atribuir-se, em parte, ao desconhecimento da forma como está a funcionar o Patronato, em alguns casos mesmo à ignorância da sua existência. Da parte das entidades oficiais, o interesse vai ao ponto de exigirem que lhes forneçamos um inquérito muito completo sobre a situação das famílias das crianças, dando-nos um subsídio mensal de 50\$00, por criança.

— Considera útil ou prejudicial a existência de diversas instituições no Concelho, visando vários ramos de assistência?

— Eis uma pergunta de difícil resposta porquanto há prós e contras, uns e outros de ponderar. Na minha muito modesta opinião, deveria haver uma só instituição — Assistência aos Necessitados — e, dentro desta, as comissões necessárias para os diversos ramos. Seria impossível uma só instituição encarregar-se de todos os ramos de assistência, como me parece pouco recomendável a existência de diversas instituições sem uma certa coordenação.

— A imprensa local poderá ser útil à consecução dos fins em vista?

— Evidentemente. Não só acho que poderá ser útil, como

Continua na pág. 7

Uma Entrevista

PROBLEMAS DE ASSISTÊNCIA

Como de pequenino é que se ensina o menino, tem-se todo o cuidado com os mais novos, de forma a não virem a ter os mesmos vícios dos mais velhos. Muito desejaríamos, e não o podemos no rol dos impossíveis, montar uma espécie de escola de artes e ofícios. A medida que fôssem atingindo certa idade, as crianças transitarão para essa escola, sem por isso deixarem de pertencer ao Patronato. Para as raparigas, pensamos, e parece estarmos no bom caminho, fazer montar uns teares onde aprendam o mester de tecedeiras, de certo modo lucrativo e útil. Como vê, projectos não faltam, e a vontade, pode crer, é ainda maior.

— Como obtêm fundos que lhes permitam enfrentar os encargos financeiros?

cebida esta maneira de angariar fundos, mas há necessidade de uma certa espontaneidade em nos ajudarem.

— Conseguiram os fins em vista ou estão ainda muito longe disso?

— Evidentemente que estamos ainda longe de atingir os nossos objectivos, no entanto, digo-lhe, com satisfação, que temos notado sintomas que nos dão esperanças de atingirmos, se não o optimo, pelo menos um pouco de bom. A realização das muitas coisas que temos vontade de fazer depende principalmente da coadjuvação que tivermos. Devo dizer-lhe que estamos satisfeitos com o pessoal do Patronato e que, por este lado, estamos certos de podermos atingir quanto desejamos.

— Da parte das autoridades

LITERATURA SOBRE A RAZÃO DE SER DA OBRA-PRIMA

POR

ALVARO BAPTISTA

As obras-primas da literatura universal, não o são pelo facto, nem tampouco nisso consistem, de nelas se esclarecer uma verdade ou se firmar uma teoria concernente ao Homem no que lhe diz respeito aos seus complexos problemas circunstanciais ou temporais, ou ainda, porque nelas se identifiquem as razões etiológicas de algo que de há muito constituísse entrave ao progresso dos conhecimentos gerais da humanidade. Também, não o são, nem por tal se podem considerar, apenas porque a feição estilística dessas aludidas obras-primas seja burilada com uma arte e uma técnica inexcelsíveis. Não; não se pode genuinamente classificar e conceituar de obra-prima, certa obra em que se tenha unicamente por objecto o seu lado artístico. Isso não basta nem justifica. Na verdadeira obra-prima, existe positivamente um motivo mais profundo e transcendental, que constitui o próprio cunho da sua legitimidade.

Se a arte é a comunicação universal, (podendo ser: escultórica, pictórica etc.) que o homem possui para representar aos seus

semelhantes as apercepções — à maneira do seu sentir — das suas realidades subjectivas; das suas reacções emocionais em face das realidades exteriores, ou seja: em face das mesmas realidades pessoais dos outros homens; das suas bruscas mutações anímicas provocadas por agentes alheios ao seu ser consciente; em síntese: de todo o fenómeno da vida dado à interpretação e interrogação da sua consciência. Se, portanto, a arte é esse meio que o homem dispõe para testemunhar o conhecimento que adquiriu de si, desse mundo inextricável de fenómenos, não é pois a arte o factor básico e primordial na criação duma obra-prima — visto exercer-se como via de exteriorização e não como fim em causa. A arte o que mais pode ser é o acessório da obra-prima, mas nunca a sua parte integrante; ou como que o seu «paladar» que quanto mais apurado for, tanto mais facilita às faculdades mentais a assimilação da mensagem que a sua substância reflete. Doutro modo, poder-se-á também definir a arte como sendo o idioma do Indizível, a linguagem do Ideal; em resumo — a

concretização do abstracto. Ora, precisamente a razão de ser exclusiva da obra-prima, está na transcendência do ideal que através da arte se reproduziu.

Para assentar em dados concretos o que vimos asseverando, exemplificamos com um caso da nossa literatura por todos nós sobejamente conhecido: Júlio Diniz, legou-nos uma obra embora não extensa, visto a morte tê-lo arrebatado ainda novo e na pujança da sua criação, tão primorosamente confeccionada e dum bucolismo tão salutar e contagioso, que o leitor mormente o cidadão, ao debruçar-se na contemplação sintáctica da vida do campo que Júlio Diniz com apuro e tenuidade descreveu, sente-se empolgado duma benéfica nostalgia, visto o «habitat» quotidiano não lhe poder dar aquela quietude evangélica do meio-dia, aquele recolhimento todo espiritual dum crepúsculo de estio; ou aquelas revigorantes noites de serão à lareira, duma paz toda familiar, somente devassada nas ocasiões de esfolhadas pelas risadas quentes, ruidosas, humanas ou pelas confidências dos namorados feitas

à luz do luar e segredadas em voz alta. Isto foi o que Júlio Diniz nos deixou. Uma pintura plena de frescura primaveril e de requintada singeleza, onde os personagens nos aparecem tocados duma bondade quase quimérica e se movem num cenário feito de realidades ingénuas, puramente sentimentais; em que as exigências imperiosas da carne não têm cabimento. Júlio Diniz foi mais artista e menos criador. Artista, na expressão pessoal de criar formas belas. Criador, no sentido colectivo de conceber ideias. Assim, é forçosa característica os seus livros serem duma grande riqueza em arte e em contrapartida pobres de concepção. Deste modo, nunca a sua obra, mesmo na totalidade, poderia adquirir a ambicionada reputação de obra-prima; pois falta à sua substância a condição essencial — a sua origem própria — para o ser, que é neste caso e em todos os casos, uma «porção» de ideal intrínseca e específica, precisamente aquilo que o génio inventivo cria do abstracto, que revelado à com-

Continua na pág. 2